

**MILÊNIO:  
perspectivas e implicações em breve análise**

**MILLENNIUM:  
PERSPECTIVE AND FORECAST IN BRIEF ANALYSIS**

José do Nascimento Lira Júnior<sup>1\*</sup>

**RESUMO**

Resultado de um estudo teológico específico, esta pesquisa tem como objetivo analisar o conceito milenarista por algumas das mais evidentes perspectivas escatológicas. O termo milênio, que, em princípio, se trata de uma dimensão temporal – ou seja, um período que, obviamente, possui um ponto de partida e outro de chegada – também lida com a dimensão atemporal na medida em que se depara com hermenêuticas que se contrapõe quando precisam definir o início e o fim deste período. Pelo olhar de referenciais teóricos para os significados e interpretações do milênio, analisaremos, brevemente, a contribuição de acadêmicos como Dwight Pentecost, Millard Erickson, Robert Clouse, dentre outros, para se verificar em que medida o milênio é crido e aguardado no cristianismo.

**PALAVRAS CHAVES:** escatologia, milênio, correntes milenistas.

**ABSTRACT**

The result of a specific theological study, this research aims to analyze the millenarian concept from some of the most evident eschatological perspectives. The term millennium, which, in principle, is a temporal dimension – that is, a period that obviously has a starting point and an arrival point – also deals with the timeless dimension insofar as it is faced with hermeneutics that is opposed when they need to define the beginning and end of this period. By looking at theoretical references for the meanings and interpretations of the millennium, we will briefly analyze the contribution of scholars such as Dwight Pentecost, Millard Erickson, Robert Clouse, among others, to verify the extent to which the millennium is believed and awaited in Christianity.

**KEYWORDS:** eschatology, millennium, millenist currents.

**INTRODUÇÃO**

---

\* Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil há 18 anos. Doutor em Teologia pela PUC-Rio, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, graduado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, licenciado em História pela Escola de Ensino Superior – Fabra, Serra-ES, licenciado em Pedagogia pela Claretiano, São Paulo. Lecionava disciplinas da área de humanas no Centro de Ensino Superior da FABRA, na FACCONNECT e na FETES.

E-MAIL: prlirajunior@yahoo.com.br.

A volta de Jesus Cristo é o evento mais esperado pelos cristãos de maneira geral. O cristianismo primitivo já manifestava essa expectativa através do Credo Apostólico, a partir de meados do Séc. II a.C. Acerca do Cristo, encontra-se ali registrado: “...morreu, e se levantou de novo ao terceiro dia, vivo dentre os mortos, e ascendeu ao céu, e sentou à destra do Pai, e virá julgar os vivos e os mortos...” (GONZÁLEZ, 2000, pp. 102-103)<sup>2</sup>. Os pais da igreja, como Agostinho de Hipona, por exemplo, debruçaram-se sobre o tema: “Como bons e maus vão de contemplar o juiz dos vivos e dos mortos, os maus, sem dúvida, não poderão velo a não ser na forma em que é filho do homem – não porém humilhado, como quando foi julgado, mas na majestade de juiz” (AGOSTINHO, 2008, pp. 48-49, E-book). Passaram-se os séculos, com as suas peculiaridades – teológicas inclusive, eternizadas pelos dogmas estabelecidos nas hermenêuticas dos grandes concílios –, e, hoje, a expectativa ainda é esta: Cristo Jesus voltará. A grande questão é: como, de que maneira e quando, especificamente, isso acontecerá?

Este evento é comparado a um certo pai de família que, ausentando-se de casa, numa zona rural, por motivo de trabalho, lá pelo século XVIII (portanto, sem os recursos tecnológicos de hoje, sem transportes rápidos...), disse a esposa e aos 3 filhos: “Estou viajando a serviço e volto daqui a algum tempo. No momento em que o meu patrão me liberar eu retornarei, provavelmente no verão, quando a oferta e procura por cobertores diminuirão”. Passou-se algum tempo e certo dia, durante uma refeição, o filho menor, de 6 anos, perguntou: “Mamãe, quando o papai retornará?”, “Provavelmente no próximo verão”, respondeu a mãe. Porém, o filho mais velho, de 14 anos, disse: “Não vejo a hora de acabar o verão para irmos à estação de trem recepcionar o papai!”. A mãe logo corrigiu: “Não precisamos ir à estação, pois, ao desembarcar, o seu pai virá para casa a cavalo. E há outro detalhe: na última carta, ele falou que viria no início do verão e não no final. Ele passará o verão conosco”. O outro filho, de 18 anos, ouvindo isto, argumentou: “O papai não havia falado que viria quando houvesse a queda da oferta e procura por cobertores? Então ele virá no meio do verão, uma vez que a procura só começa a cair depois do início da estação”. “Meu filho...” retrucou a mãe “...o seu raciocínio faz sentido, mas queda da produção se dá ainda no outono, quando as fábricas (sabendo que o verão está prestes a chegar) param de confeccionar cobertores. Como um bom vendedor, sabendo Além disso o seu pai escreveu dizendo que virá para passar o verão conosco”.

Esta singela parábola ilustra bem os entendimentos acerca da volta de Jesus Cristo no seio da Igreja Cristã. Todos aguardam este acontecimento, porém, nem todos com mesmos óculos teológicos. Daí a delimitação do tema aqui proposto: Milênio: perspectivas escatológicas em análise. As divergências quanto aos aspectos da *parousia* (termo que analisaremos melhor adiante) também justificam, de certa forma, a presente análise na medida em que leva o estudante de teologia a interpelar – prática importante nesse processo teológico de ensino e aprendizagem. É aqui, nesta interpelação, que os problemas se apresentam, tais como: Onde, exatamente, tem início a divergência hermenêutica? Quais são as perspectivas milenistas existentes? Como cada uma dessas perspectivas traçam a sequência dos acontecimentos

---

<sup>2</sup> A trajetória do Credo, até a sua versão atual, é importante. Sua necessidade mostrou-se presente já no Século II – a partir da defesa da fé contra doutrinas como o sabelianismo (patripassianismo, monarquianismo modal ou modalismo), em vários concílios ecumênicos, a partir de Nicéia (325 d.C.), em reflexões teológicas como as de Tomás de Aquino (ver: AQUINO, S. Tomas. Exposição sobre o Credo) e do Concílio Vaticano II.

escatológicos? Uma hipótese para o primeiro problema, é a de que o texto de Apocalipse 20.1-10, seja o divisor de águas para as correntes milenistas. Uma hipótese para o segundo problema, já comprovada por outras pesquisas, é a de que haja pelo menos três grandes correntes milenistas. Uma hipótese para o terceiro problema levantado aqui, é a de que a sequência dos acontecimentos está condicionada, é fruto, da hermenêutica de cada uma das perspectivas, ora se aproximando, ora se distanciando, radicalmente, uma das outras. Em que medida tais perspectivas influenciam o *modus operandi* das diversas denominações cristãs pelo mundo hodierno, é um problema para se discutir noutro momento. Porém, é provável que, ao final desta reflexão, haja pistas para isso. Este breve trabalho se limitará a analisar estas perspectivas milenistas, refazendo caminhos já desbravados por afincos estudiosos do assunto.

## 1 BREVE DEFINIÇÃO DE TERMOS

Na abordagem deste tema, é indispensável a observação, mesmo que breve, de alguns termos escatológicos. O termo *milênio*, por exemplo, não aparece na Bíblia, mas sim o termo *mil anos* – que é encontrado uma vez no Antigo Testamento e cinco vezes no Novo Testamento – para definir o período (duração) do reino de Jesus Cristo na terra. A grande questão é: Como e quando ocorrerá o *milênio*? Na busca de uma resposta para esta questão, surgiram algumas correntes escatológicas, divergindo entre si quanto à época em que ocorrerá (ou ocorre, como será visto mais adiante) o *milênio*. Consequentemente, a divergência também se dá quanto a época da volta de Jesus Cristo.

O grande evento da volta de Jesus Cristo é denotado por vários termos encontrados no Novo Testamento, como: “*PAROUSIA*”, que transmite a idéia de uma vinda, uma chegada, “(literalmente, presença), que assinala a vinda que precede a presença ou que resulta na presença, Mt. 24.3, 27, 37; I Co 15.23; I Ts 2.19; 3.13; 4.15; 5.23...”<sup>3</sup>. Outro termo escatológico neotestamentário é “*EPIPHANEIA*”, que também se refere à volta de Jesus Cristo, e que significa “(aparecimento, manifestação), termo referente à sua vinda, saindo Ele de um substrato oculto com as ricas bênçãos da salvação, 2 Ts 2.8; 1 Tm 6.14; 2 Tm 4.1...”<sup>4</sup>. Pode-se falar, ainda, de “*APOCALYPSIS*”, também relacionado à volta de Jesus Cristo, e que significa “(desvendamento, revelação), que indica a remoção daquilo que agora obstrui a nossa visão de Cristo, 1 Co 1.7; 2 Ts 1.7; 1 Pe 1.7,13; 4.13...”<sup>5</sup>.

## 2 PRINCIPAIS CORRENTES MILENISTAS

Baseadas em termos como estes, brevemente analisados na primeira parte deste trabalho, as correntes escatológicas, que aqui merecem atenção, ganharam cada vez mais a atenção dos teólogos, no decorrer da história, exigindo destes uma reflexão mais contundente, especialmente em tempos de grandes acontecimentos mundiais<sup>6</sup>. O pré-milenismo, corrente escatológica bastante difundida entre os

---

<sup>3</sup> BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas – SP: LPC, 1998. p. 701.

<sup>4</sup> *Ibid.*

<sup>5</sup> *Ibid.*

<sup>6</sup> A experiência de Jürgen Moltmann, por exemplo, o teólogo da esperança, mostra como os grandes acontecimentos pedem reflexões dos diversos campos do saber, inclusive da Teologia. Participando, ativa e diretamente, da Segunda Guerra Mundial, incorporado no exército alemão, prisioneiro de guerra da Inglaterra, Moltmann pode repensar a sua vida e adotar o que ficou conhecida como

cristãos de tradição arminiana e pentecostal, defende a tese de que a vinda de Jesus Cristo precederá o milênio, ou seja: após a Sua vinda, o Senhor Jesus estabelecerá um reinado de mil anos, literalmente. De acordo com esta linha de pensamento, hoje, os cristãos vivem na era da Igreja. “Cristo não é Rei no momento...”, como pensam os amilenistas (outra corrente que será abordada adiante), Ele “...é apenas a Cabeça da Igreja”<sup>7</sup>. Se há algum reino hoje, é o que eles (os pré-milenistas) chamam de “Reino de Deus” (Ap. 1.9). O reino de Cristo, propriamente dito, no qual Ele reinará pessoalmente, ainda está por vir: o “Reino de Cristo” é um reino literalmente milenar. Os eventos que antecedem o milênio, bem como as diferentes formas de interpretação da Bíblia, são alguns dos motivos que dividem o pré-milenismo em duas correntes, a saber: o *pré-milenismo histórico* e o *pré-milenismo dispensacionalista*.

O *pré-milenismo histórico* tem como base a passagem de Apocalipse 20.1-6, cuja exegese deve ser feita da forma mais natural e da qual depende qualquer doutrina do milênio<sup>8</sup>. Sendo assim, a seqüência dos acontecimentos são como estão, naturalmente, neste texto, ou seja: antes do milênio haverá a prisão de Satanás e a primeira ressurreição. O milênio, portanto, tendo início na volta de Jesus Cristo, será acompanhado por vários outros eventos. Na primeira ressurreição, os cristãos mortos serão ressuscitados e os cristãos que estiverem vivos serão transformados – juntos (os ressuscitados e transformados) serão arrebatados para o encontro com o Senhor nos ares. Haverá a morte do Anticristo e seus aliados. Haverá, também, a conversão de Israel (o antigo povo de Deus) que será estabelecido na “Terra Santa”. Com o mundo então transformado, o reino milenar, predito pelos profetas, será inaugurado. No decorrer do milênio os gentios se converterão em larga escala e haverá paz e justiça em toda a terra. Ao findar o milênio, haverá a segunda ressurreição (do restante dos mortos) e o juízo final, seguido de novos céus e nova terra<sup>9</sup>. Esta corrente pré-milenista é chamada “histórica” por ser a mais antiga e por ser, segundo os seus defensores, iniciada por alguns dos pais da igreja primitiva.

A corrente dispensacionalista, enxerga o texto de Apocalipse 20.1-6 como parte da doutrina milenista e não como a sua base, como pensam os históricos. Segundo essa corrente, é necessária uma interpretação literal de toda a Bíblia (dispensação por dispensação) para se entender a doutrina do reino milenar de Jesus Cristo<sup>10</sup>. O dispensacionalismo foi articulado por J. N. Darby (1800-1882). Darby ensinou que a vinda de Cristo consiste de dois estágios: em primeiro lugar Jesus voltará para arrebatá-la sua igreja, de forma secreta, antes da “Grande Tribulação” que devastará a terra; depois de um certo período Jesus voltará novamente para estabelecer o reino.

A primeira vinda, também chamada de *parousia* (que, como já foi visto, significa, literalmente, presença ou, simplesmente, “a vinda”), será iminente, ou seja, poderá ocorrer a qualquer momento, uma vez que não exige eventos precedentes. Nesta primeira vinda (também chamada de vinda para os Seus santos: I Ts 4.15-16), o Senhor não descerá à terra, mas ficará nos ares, onde acontecerá o Seu encontro com

---

Teologia da Esperança: “Em minha juventude, fui salvo pela esperança de Cristo. Ele a plenificou até hoje com a energia do Espírito divino. Ele me permite saudar todas as manhãs em que me é dado viver, com a alegria advéncia do Reino de Deus” (2008, p.9).

<sup>7</sup> LLOYD-JONES Martyn. *A Igreja e as Últimas Coisas*. São Paulo – SP: PES, 1999. p. 249.

<sup>8</sup> CLOUSE, Robert G. *Milênio: Significado e Interpretações*. São Paulo: SP: Luz Para o Caminho, 1990. p. 30-31.

<sup>9</sup> BERKHOF, op. cit., p. 715.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 60.

os cristãos transformados e com os cristãos ressurrectos na primeira ressurreição. Esse encontro com o Senhor nos ares é chamado de arrebatamento secreto.

Seguir-se-á, então, um período de sete anos, durante os quais o mundo será evangelizado (Mt. 24.14), Israel se converterá (Rm. 11.26), haverá a grande tribulação (Mt. 24.21-22) e o Anticristo aparecerá (2 Ts 2.8-10). É interessante observar que a igreja não passará pela grande tribulação, uma vez que já foi arrebatada para o encontro com o Senhor nos ares. Passados os sete anos ocorrerá a volta de Jesus Cristo, chamada também de “dia do Senhor” ou “revelação”. Essa volta não é iminente uma vez que há eventos que a precedem. Nessa oportunidade, Jesus Cristo virá com os santos para julgar as nações (Mt. 25.31-46) e inaugurar o reino milenar; haverá a ressurreição dos convertidos durante a grande tribulação; o Anticristo será destruído, Satanás será preso por mil anos; o reino milenar será estabelecido de forma visível, concreta, terrestre e material. Será um reino dos judeus como cidadãos naturais, mas os gentios (povo não judeu) também reinarão como cidadãos adotivos. O trono de Cristo será em Jerusalém e o templo, no Monte Sião. Passado o milênio, Satanás será solto, por um curto período de tempo, e, então, finalmente destruído. Haverá outra ressurreição (uma terceira), na qual os ímpios mortos ressuscitarão e, perante o grande trono branco, serão julgados (Ap. 20. 11-15). Depois disto, finalmente, haverá novos céus e nova terra.

É importante observar que a escatologia literal e detalhada dos pré-milenistas não os impede de divergirem entre si. Os *históricos* divergem dos *dispensacionalistas* na exegese de Apocalipse 20.1-6. Os primeiros têm o referido texto como base para qualquer doutrina do milênio, enquanto os dispensacionalistas crêem que não se trata do único texto básico para compreendê-la. Mesmo dentro da corrente dispensacionalista, há divergências quanto à quantidade de estágios que envolve a volta de Jesus Cristo. Uns acreditam que Jesus virá em dois estágios, outros acreditam que haverá mais de dois estágios nesta segunda vinda.

Os pós-milenistas defendem a tese de que a volta de Jesus Cristo dar-se-á após o reino milenar. Ou seja: antes da volta do Senhor, haverá um período de paz no qual o cristianismo prevalecerá em toda terra. Isto acontecerá devido a dedicação da igreja na pregação do Evangelho, em obediência a grande comissão de Mateus 28.18-20 que, por sinal, é um texto muito importante para esta escola <sup>11</sup>. A este respeito, comenta Anthony Hoekema:

Este número crescente de cristãos incluirá tanto judeus como gentios. Os pós-milenistas geralmente entendem Romanos 11.25-26 como ensinando uma futura conversão, em larga escala, do povo judeu, embora eles não considerem isto como envolvendo restauração de um reinado judaico político<sup>12</sup>.

Durante este período haverá também um grande progresso nas áreas da vida humana: na área social, econômica, política e cultural. Acontecerá o que eles chamam de “era dourada”, na qual o bem prevalecerá, pois, as nações inimigas andarão juntas em um só propósito. Assim, como os mil anos não são literais – considerando que o reino milenar pode durar mais de mil anos –, a “era dourada” não deve significar que todos serão cristãos, mas, sim, que o mundo inteiro será cristianizado. Após esse período de gozo e paz, Satanás será solto – como está escrito em Apocalipse 20.1-6 –

---

<sup>11</sup> CLOUSE, op. cit., p. 108.

<sup>12</sup> HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o Futuro*. São Paulo – SP: Cultura Cristã, 2001. p. 208 e 209.

por um curto período imediatamente antes da volta de Jesus Cristo, para atacar a Igreja (de forma limitada) e ser vencido por Cristo definitivamente.

Trata-se de um ponto de vista teológico encontrado algumas vezes na história da Igreja, e que segundo Louis Berkhof, está dividido em duas formas: a forma antiga e a forma mais recente:

*A forma antiga.* Durante os séculos dezesseis e dezessete, diversos teólogos reformados (calvinistas) da Holanda ensinaram uma forma quiliasma agora denominada pós-milenismo. Entre eles havia homens bem conhecidos como Coccejus, Alting, os dois Vitringa, d’Outrein, Witsius, Hoornbeek, Koelman e Brakel, ...Estes homens rejeitavam as duas idéias diretoras dos premilenistas, quais sejam, que Cristo voltará fisicamente para reinar na terra por mil anos, e que os santos serão ressuscitados por ocasião da Sua vinda, e então reinarão com Ele no reino milenar...a idéia predominante era que o Evangelho, que se propagará gradativamente pelo mundo todo, no fim se tornará imensuravelmente mais eficiente do que no presente, e introduzirá um período de ricas bênçãos espirituais para a igreja de Jesus Cristo, uma idade de ouro, em que os judeus também compartilharão as bênçãos do Evangelho de maneira sem precedentes...  
*A forma recente.* Grande parte do pós-milenismo dos dias atuais é de um tipo inteiramente diverso, e tem muito pouco que ver com os ensinamentos da Escritura...De um lado crê-se que a evolução trará aos poucos o milênio, e do outro lado, que o próprio homem introduzirá a nova era, adotando uma política construtiva de melhoramento do mundo<sup>13</sup>.

Convém ressaltar que Berkhof viveu numa época em que o “desfecho teológico”, de certa forma, já havia sido realizado. Nos anos 40, mais especificamente em 1949, ele (Berkhof) lançou a sua obra de “Teologia Sistemática”, e viveu a fase em que – após a Segunda Guerra Mundial – o número de calvinistas pós-milenistas caiu. As catástrofes mundiais (1ª e 2ª Guerras) frustraram a crença, dos pós-milenistas da época, em um mundo caminhando rumo à uma “era de ouro”. Por isso, o olhar de teólogos como Berkhof é importante aqui.

Além desses teólogos reformados (calvinistas) citados por Berkhof, que defendiam a deia pós-milenistas, existiram outros dois: Charles Hodge e seu filho, A. A. Hodge. Este último será citado, mais especificamente, no capítulo 4. No século dezoito este ponto de vista foi levantado por Whitby e teve grande popularidade entre 1720 e 1830. Apesar disso, diz o Dr. Martyn Lloyd-Jones:

... a dificuldade que pessoalmente encontro no ponto de vista pós-milenista é que parece haver um ensino claro nas Escrituras que longe de haver uma era áurea perto do fim, haverá um tempo de grande tribulação, quando a Igreja será sujeita a terríveis provações, e haverá pavorosa e terrível guerra. Aliás existe um versículo, uma declaração, que, até onde a compreendo, é suficiente para eliminar o ponto de vista pós-milenista. É Lucas 18.8, onde nosso Senhor diz: “Contudo, quando vier o Filho do homem, por ventura achará fé na terra”. E fé ali significa a fé. Ele parece profetizar ali que quando Ele vier parecerá que não há mais fé alguma no mundo<sup>14</sup>.

Na opinião do Dr. Martyn Lloyd-Jones, Charles Hodge e outros teólogos se deixaram levar pela tendência mundial da sua época: “Charles Hodge morreu em 1878, quando o grande empreendimento missionário, o qual começou cerca de 1804, estava ainda crescendo. País após país estava se abrindo, e o evangelho ecoava nos

---

<sup>13</sup> BERKHOF, op. cit., p. 722-723.

<sup>14</sup> LLOYD-JONES. Op. cit., p. 263.

lugares onde jamais chegara antes”<sup>15</sup>. Foi uma época de grandes oportunidades missionárias que levaram muitos à adesão da perspectiva pós-milenista. É como se Lloyd-Jones estivesse dizendo que teólogos como Charles Hodge, à semelhança de outros pós-milenistas, certamente teriam mudado de opinião, quanto ao ponto de vista do milênio, se tivessem vivido no século vinte.

O amilenismo é outra corrente que também encontra lugar na reflexão de inúmeros teólogos de renome, deste a patrística (Clemente de Roma Inácio de Antioquia Policarpo de Esmirna Agostinho de Hipona), passando pela Reforma Protestante do século XVI (com Martinho Lutero, João Calvino, John Knox), até os teólogos mais contemporâneos como Berkof, Martyn Loyd-Jones, Anthony Hoekema, Willian Hendriksen, e outros.

Esta posição sobre o milênio não tem, segundo Hoekema, um termo muito feliz, pois *amilenismo*, literalmente e definitivamente, significaria “não milênio”<sup>16</sup>. Ou seja, o termo sugere que os amilenistas não apenas não crêem como também ignoram o texto de Apocalipse 20.1-6, quando na realidade é o contrário. O que acontece é que o significado literal do termo não corresponde ao pensamento amilenista, pois apesar de não acreditar num reino milenar futuro, os amilenistas têm certeza de um reinado milenar de Cristo em processo de realização, ou seja: o milênio é fato, mas não de forma literal e nem depois da volta de Cristo (como o interpretam os pré-milenistas) ou de uma forma tão otimista e romântica (como o interpretam os pós-milenistas).

Para os amilenistas, Apocalipse 20.1-6 é mais um texto que – à luz de outros textos na Bíblia – deve ser interpretado de forma espiritual, gramático-histórica. Portanto o reino de Cristo já foi inaugurado conforme outros textos bíblicos (como Mt. 12.28 e 26.29; Lc. 10.9; Cl. 1.13; etc.) e os mil anos são apenas uma figura simbólica que indica uma perfeita extensão de tempo que vai da primeira vinda (encarnação) até a volta de Jesus Cristo. Somente Deus sabe a duração exata desta extensão de tempo entre estas duas vindas (Mt. 24.36).

Para os amilenistas, dizer que Jesus reinará num período de mil anos futuros é o mesmo que negar que Ele está à destra de Deus reinando com todo o controle do universo em Suas mãos hoje (Mt. 28.18-20; I Pe. 3.21-22). Portanto, Cristo vive e reina eternamente. Ele está assentado à destra de Deus, de onde virá para julgar vivos e mortos, lançar o diabo e seus seguidores no lago de fogo, triunfar finalmente com a Sua Igreja e restaurar o universo chamado de os novos céus e nova terra.

Alguns princípios de interpretação da Bíblia são importantes aqui e ajudarão numa melhor compreensão dessas correntes.

### 3 ENFOQUES HERMENEUTICOS IMPORTANTES

Não há como tratar deste tema sem passar pelos seus princípios interpretativos. Assim, é necessário pensar na importância hermenêutica na confecção da doutrina do milênio.

Existem várias escolas hermenêuticas, mas apenas duas delas serão brevemente comentadas aqui. Trata-se de dois métodos bastante usados atualmente para se interpretar a Bíblia, a saber: o método literal e o método histórico-gramatical. Não analisar-se-á o método histórico-crítico por uma questão de tempo.

---

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 262.

<sup>16</sup> HOEKEMA. *op. cit.*, p. 206.

O método literal, defende a tese de que toda a Bíblia (em todos os seus aspectos: doutrinário, moral, espiritual ou profético) deve ser interpretada no seu sentido normal e literal. Os literalistas justificam este princípio interpretativo alegando que a mensagem – enviada para beneficiar o povo de Deus – “...tinha de ser dada de uma maneira simples, direta e clara (I Co 2.1-5) para atingir as metas das pessoas e realizar o propósito de Deus... qualquer outro método de interpretação rouba parcialmente, senão totalmente, do povo de Deus a mensagem que lhe foi enviada”<sup>17</sup>.

Este princípio é utilizado pelos pré-milenistas dispensacionalistas. Através de uma abordagem literal, os dispensacionalistas dividem a Bíblia em “dispensações” que, segundo eles, significam *períodos*. Quanto a este termo, dispensação (*oikonomia*), o Dicionário Vine diz:

...significa primariamente ‘a administração de uma casa ou dos assuntos domésticos’ (formado de *oikos*, ‘casa’, e *nomos*, ‘lei’); portanto, o gerenciamento ou administração da propriedade de outros, e, daí, ‘mordomia’ (Lc. 16.2-4)... uma ‘dispensação’ não é um período ou época (uso comum, mas errôneo, da palavra), mas um modo de procedimento, um arranjo ou administração de assuntos<sup>18</sup>.

Cyrus I. Scofield (1843-1921), um dos protagonistas do dispensacionalismo, define dispensação “... como ‘um período de tempo durante o qual o homem é testado com relação a obediência a alguma revelação específica da vontade de Deus’. Por esse termo ele queria dizer que Deus determinou certas épocas, ou ‘dispensações’, para atividades específicas, que podem ser diferentes das ocorridas antes e depois...”<sup>19</sup>. Assim, os dispensacionalistas dividem a história em sete dispensações, a saber: Inocência (no Éden); Consciência (da queda até o dilúvio); Governo Humano (do dilúvio até a chamada de Abraão); Promessa (de Abraão até a Lei); Lei (do monte Sinai até parte importante do ministério público de Jesus); Graça (do final do ministério público de Jesus até a sua volta); Reino/Milênio (um período de mil anos depois da vinda de Cristo). A volta de Cristo (dividida em dois estágios, como já foi visto) está inserida na sétima dispensação e precederá o milênio. Esse milênio, à luz do Antigo Testamento, deve ser entendido de forma literal. O dispensacionalista Herman H. Hoyt, alegou que:

Será um reino literal no sentido pleno da palavra. Esse reino não é um ideal abstrato pelo qual os homens estão lutando, mas nunca atingirão. Será tão real quanto qualquer reino na face da terra, tão real quanto o reino histórico em Israel. O lugar verdadeiro que será o seu centro será Jerusalém e suas vizinhanças (Ob. 12-21). Um Rei verdadeiro se assentará em seu trono material (Is. 33.17). As nações da humanidade participarão do seu ministério de bem estar e salvação (Is. 52.11). Os reinos ímpios deste mundo serão levados a um fim repentino e catastrófico na vinda de Cristo, e seu reino os suplantarão (Dn. 2.31-45). Esse reino será um reavivamento e continuação do reino davídico histórico (Am. 9.11; veja At. 15.16-18). Um renovo fiel e regenerado de Israel será restaurado e feito o núcleo desse reino, e assim a aliança com Davi será cumprida (Mq 4.7,8; Jr. 33.15-22; Sl 89.3,4,34-37) – Jerusalém se tornará a capital do grande Rei, da qual ele governará o mundo (Is. 2.3,24.23)<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> CLOUSE, op. cit., p. 60.

<sup>18</sup> W. E. Vine, *Dicionário Vine*. Rio de Janeiro – RJ: CPAD, 2002. p. 569-570

<sup>19</sup> MATHER, George A. *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo*. São Paulo – SP: Vida, 2000. p. 136.

<sup>20</sup> CLOUSE, op.cit., p. 71.



Os literalistas alegam que o Novo Testamento, especificamente os Evangelhos, sempre associam o reino literal, anunciado por Cristo, com o reino literal das profecias do Antigo Testamento: Lc. 1.30-33; Mt. 3.3; Mt. 4.12-17; etc. No episódio da transfiguração (Mt. 16.27 ao 17.8), por exemplo, Jesus antecipou a visão do reino na sua natureza literal e prometeu aos discípulos a participação deles neste reino (Mt. 19.27 e 28). A volta de Cristo para o estabelecimento do reino é algo garantido por Ele (Mt. 19.28). Mesmo em meio ao escárnio e julgamento, Jesus jamais deixou de afirmar ser o Rei mediatório da profecia do Antigo Testamento<sup>21</sup>.

Vale ressaltar que os pré-milenistas históricos, não concordam com a abordagem literal do Antigo Testamento, da maneira como o fazem os dispensacionalistas. Porém, há textos no Novo Testamento que – segundo os históricos – não podem ser interpretados de outra forma senão literalmente. Um desses textos é Romanos 1.26, quando Paulo afirma: “E assim todo o Israel será salvo”. Para os pré-milenistas históricos o ensino do Novo Testamento é claro: a volta de Cristo se dará antes do milênio e haverá a salvação do Israel literal (Rm. 1.11-26)<sup>22</sup>.

No método histórico-gramatical são analisados a etimologia das palavras, o uso das palavras no seu contexto, o uso figurado das palavras, as características pessoais do autor, o contexto (geográfico, político, religioso, econômico, social, etc.), destinatários, propósito do autor, a teologia do texto, a relação do texto com o seu contexto, a relação do texto com o restante da Bíblia, etc.<sup>23</sup>.

Há quem utilize o método histórico-gramatical para – ao lado de Dwight – justificar o pré-milenismo, como é o caso do famoso e competente hermenêutico, Roy B. Zuck. Em seu livro “A Interpretação Bíblica” Zuck diz que:

O forte conteúdo simbólico da maior parte dos textos proféticos dificulta a interpretação das profecias. Esse fator já levou muitos estudiosos da Bíblia a supor que, como as profecias contêm simbolismos, os textos proféticos devem ser interpretados simbolicamente na íntegra. Isso, porém, é um erro. Se obedecermos ao princípio básico da hermenêutica, que determina uma interpretação normal, gramatical, devemos compreender a literatura profética, bem como os outros estilos de literatura bíblica, em seu sentido normal, literal-comum, a menos que haja motivos para considerarmos o significado figurado ou simbolicamente<sup>24</sup>.

Zuck entende que muitas profecias não podem ser interpretadas literalmente, pois águias não falam (Ap. 8.13) e uma prostituta não pode sentar sobre dez montes

---

<sup>21</sup> Ibid., p. 78.

<sup>22</sup> Nessa defesa da interpretação literal J. Dwight Pentecost associa este método (literal) com o histórico-gramatical. Citando as vantagens do literalismo, ele usa as palavras de outro famoso literalista chamado Bernard Ramm: “Com o literalismo de Lutero e Calvino, a luz da Escritura literalmente se ascendeu [...] Este é o chamado método da alta tradição escolástica do protestantismo conservador” (PENTECOST, J. 1998. p. 37 e 39). Quanto ao método de interpretação de Lutero, é fato que ele utilizava o método literal como qualquer outro exegeta fiel pode e deve interpretar algumas passagens da Bíblia literalmente, à luz do seu contexto. Porém, quanto a Calvino, o famoso teólogo amilenista chamado Berkhof parece discordar de Ramm quando diz que Calvino “acreditava firmemente no significado simbólico de muito do que se encontra no Antigo Testamento” (BERKHOF, 2000. p. 25). W. J. Grier concorda com Berkhof, pois o reformador (João Calvino), em relação a Oséias, disse que o homem de Deus não desempenharia o papel de profeta se houvesse realmente casado com uma mulher na qualidade de meretriz. Logo, este texto de Oséias não deve ser interpretado literalmente (GRIER, 1987. p. 44).

<sup>23</sup> BERKHOF, op.cit., p. 65-70.

<sup>24</sup> ZUCK, Roy B. *A Interpretação Bíblica*. São Paulo – SP: Edições Vida Nova, 1997. p. 280.

ao mesmo tempo (Ap. 17.9). Contudo, diz ele, outros textos devem ser interpretados literalmente. Assim, Roy Zuck chega à seguinte interpretação quanto a volta de Cristo:

A Bíblia deixa claro que Jesus voltará para estabelecer seu reino na terra. Ele reina hoje dos céus, mas a manifestação terrena do reino, quando ele vier pessoalmente, ainda é um evento do futuro. O livro dos Salmos o retrata como “o Rei da Glória” que entrará pelos portões de Jerusalém (Sl. 24.7-10). De acordo com Isaias 9.6,7, ele é o Filho sobre cujos ombros repousará o governo do mundo e ele reinará no trono de Davi e sobre o seu reino. Como descendente justo de Davi, “...reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra” (Jr 23.5, grifo nosso). Jesus, que nasceu em Belém, “...há de reinar em Israel” (Mq 5.2), “e o SENHOR reinará sobre eles no monte Sião...” (4.7). Zacarias escreveu a respeito do Senhor: “Naquele dia estarão os seus pés sobre os montes das Oliveiras...”, “...virá o SENHOR...” e “...será rei sobre toda a terra...” (Zc. 14.4,5,9)<sup>25</sup>.

Berkhof parece concordar com Zuck, no sentido de que existem textos proféticos que devem ser interpretados literalmente, mas desde que seja levado em consideração o seu contexto: “As palavras dos profetas devem ser aceitas no seu sentido literal usual a não ser que o contexto ou a forma na qual foram cumpridas indiquem claramente que tenham um significado simbólico”<sup>26</sup>. Neste caso, utilizando o método histórico-gramatical, a profecia de Zacarias 14.4,5,9, se cumpriu na primeira vinda de Cristo (Mt. 12.28: “...certamente é chegado o reino de Deus sobre vós”) e não na Sua volta como, literalmente, interpreta Zuck.

Um importante princípio, no método histórico-gramatical, é de que “a profecia está intimamente relacionada à história. Para que seja entendida, ela deve ser vista em seu contexto histórico...”. Destarte, quanto à perspectiva de tempo, nas profecias, os profetas “... consideravam o futuro como o viajante considera uma cordilheira à distância. Imaginavam que o cume de uma montanha surgia logo atrás de outra enquanto, na realidade, estão separadas por quilômetros. Cf. as profecias a respeito do Dia do Senhor e das duas vindas de Cristo”<sup>27</sup>. Há ainda, o princípio da já citada relação do texto com o seu contexto e, conseqüentemente, com o restante da Bíblia. Como lembra Anthony Hoekema em seu livro “A Bíblia e o Futuro”:

Para entendermos corretamente a escatologia bíblica, precisamos vê-la como um dos aspectos integrantes de toda a revelação bíblica. A escatologia não deve ser vista como algo encontrado apenas em livros tais como Daniel e Apocalipse, mas como dominando e permeando toda a mensagem da Bíblia. Neste ponto, Jürgen Moltmann está totalmente correto: “Do começo ao fim, e não apenas do epílogo, o Cristianismo é escatologia, é esperança, olhar e andar para frente e, por causa disso, também, é revolucionar e transformar o presente...”<sup>28</sup>.

#### 4 IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

A grande esperança que motiva os cristãos a prosseguirem em seus alvos é o futuro advento do Senhor Jesus Cristo. O apóstolo Paulo sabia da importância dessa esperança para os cristãos, quando escreveu aos coríntios: “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo

---

<sup>25</sup> Ibid., p. 282.

<sup>26</sup> BERKHOF, op.cit., p. 150.

<sup>27</sup> Ibid., p. 147.

<sup>28</sup> HOEKEMA, op.cit., p. 11.

que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (ICo 15.58). Neste contexto, essa escatologia estimulava os crentes a viverem o seu presente pensando no seu futuro, com toda convicção.

Quanto mais o cristão se conscientiza da volta do Senhor Jesus mais é impulsionado a agir. A maneira como agem os cristãos reflete justamente a ótica escatológica de cada um: o pós-milenista age na esperança de que o mundo caminha para o progresso que culminará na volta de Cristo; o pré-milenista age na esperança de que os judeus serão salvos e que a palestina será restaurada com a instalação do trono de Cristo no Monte Sião, de onde ele reinará durante os mil anos; o amilenista, por sua vez, age na certeza de que Jesus já reina, no controle do universo, e virá a qualquer momento para dar um basta na situação precária da humanidade que caminha para o caos.

São várias as áreas em que o cristão – na expectativa da volta de Jesus Cristo – atua, uma delas é a evangelização. Como disse o Dr. Russell Shedd: “Deve-se atribuir o fervor evangelístico a expectativa da volta de Cristo”<sup>29</sup>. Foi o próprio Senhor Jesus quem implantou esse fervor evangelístico juntamente com a expectativa da Sua volta quando disse: “E será pregado este evangelho do reino por todo mundo, para testemunho de todas as nações. Então virá o fim” (Mt. 24.14).

Todas as correntes escatológicas brevemente analisadas aqui encontram – na expectativa da volta de Cristo – um estímulo para a obra missionária de evangelização. Embora não haja, na perspectiva pré-milenista majoritária, uma preocupação com os judeus, na mesma medida em se preocupam com os demais povos (pois todos os judeus, segundo eles, têm a salvação cristã garantida), há um esforço ali de pregação do evangelho motivada também pelos eventos escatológicos. Os pós-milenistas têm o conforto da futura paz mundial que, de certa forma, facilitará a conversão das pessoas. Já os amilenistas levam em consideração o caos para o qual a humanidade caminha, a necessidade que os judeus têm de passarem pelo processo da *ordo salutis* e, o mais importante, o fato de a humanidade estar vivendo o milênio no qual Cristo reina sobre o universo. Neste milênio – segundo o pensamento amilenista – Satanás está aprisionado. Esta prisão aconteceu para que ele (Satanás) “não mais enganasse as nações” (Ap. 20.3) a fim de que ouçam o evangelho:

Na grande comissão, Jesus assegurou aos seus seguidores que a obrigação deles de fazer discípulos de todas as nações (*ethne*) não seria um mero empreendimento humano. Ele mesmo estaria com eles até a consumação do século...Não há como escapar da conclusão de que os primeiros cristãos compreendiam que a disseminação das boas novas de salvação em Cristo era a chave para a Sua volta...”<sup>30</sup>.

Para além da implicação querigmática, este grande evento exige paciência. Como disse Tiago: “Sede, pois, irmãos, pacientes, até a vinda do Senhor” (Tg. 5.7). Essa paciência será necessária para a Igreja do Senhor nos dias difíceis que antecedem a Sua vinda (Mt. 24.13; Lc. 21.19). Deus não quer que nenhum dos seus pereçam (2 Pe 3.9), este é um dos motivos da demora da volta de Cristo que o cristão deve compreender com paciência.

A vigilância também é exigida do cristão, enquanto aguarda o retorno do seu Senhor. Em Lucas 12.37, contando a parábola do servo vigilante, o Senhor Jesus disse que são “bem-aventurados aqueles servos a quem o senhor, quando vier, os

<sup>29</sup> SHEDD, Russell. *A Escatologia*. São Paulo – SP: Shedd Publicações, 2001. p. 25.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 20.

encontrem vigilantes...”. Vigiar é viver a cada dia nesta expectativa gloriosa; é fazer da escatologia uma experiência presente. Vigiar é caminhar na certeza de que Cristo voltará, a qualquer momento, para buscar a Sua Igreja. “Vem, Senhor Jesus” (Ap.22.20).

## CONCLUSÃO

Neste artigo foi possível perceber a importância de se falar sobre a vinda de Cristo, observando-se alguns termos específicos, as divergentes correntes escatológicas, os diferentes enfoques hermenêuticos e algumas implicações práticas. Obviamente, não foi a intenção do trabalho esgotar o assunto, não é possível – arranhou-se, aqui, a superfície com o intuito de provocar nos leitores uma escavação cada vez mais profunda em busca de novos desafios ao tema proposto. Falar sobre escatologia é navegar em águas amplas e profundas. Analisar este aspecto escatológico, o milênio, é uma tarefa igualmente desafiadora, especialmente na medida em que podemos lidar com diversificadas hermenêuticas e suas respectivas implicações práticas.

Como foi dito na parábola introdutória: esta volta de Cristo é aguardada pelos seus filhos, por diferentes ângulos, porquanto esta é uma das necessidades do ser humano: ver o mesmo acontecimento por óticas diversas. Isto não implica mudança no acontecimento em si, mas nas lentes que o observam. Analisar o fenômeno e as lentes pelas quais ele é observado é uma tarefa árdua, constante, porém prazerosa. Espera-se que esta breve leitura tenha provocado o mínimo de desejo na continuidade reflexiva sobre este empolgante tema.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- AGOSTINHO. A Trindade. Vol. 7. 2 ed. (E-book) São Paulo: Paulus, 2008
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas- SP: Luz Para o Caminho, 1998.
- BERKHOF, Louis. *Princípios de Interpretação Bíblica*. São Paulo – SP: Editora Cultura Cristã, 2000.
- BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON. 9. ed. São Paulo –SP: Editora Vida, 1999.
- BÍBLIA REVISTA E ATUALIZADA NO BRASIL. 2. ed. Barueri – SP: SBB, 1993
- CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos*. São Paulo – SP: Vida Nova, 1984.
- CALVINO, João. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. Campinas – SP: Luz Para o Caminho.
- CARVALHO, Waldyr Luz. *John Knox: O Patriarca do Presbiterianismo*. São Paulo – SP: Cultura Cristã, 2001.
- CLOUSE, Robert G. *Milênio: Significado e Interpretações*. Campinas – SP: Luz Para o Caminho, 1990.
- ERICKSON, Millard J. *Um Estudo do Milênio, Opções Contemporâneas na Escatologia*. São Paulo: Vida Nova, 1991.
- FISHER, Jorge P. *História de la Reforma*. Barcelona: CLIE, 1984.
- GONZÁLEZ, Justo L. *A Era dos Mártires*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

- GONZÁLEZ, Justo L. *A Era dos Gigantes*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- GRELOT, Pierre. *O Mundo Futuro*. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.
- GRIER, W. J. *O Maior de Todos os Acontecimentos*. Campinas – SP: Luz Para o Caminho, 1987.
- GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- HALL, Christopher A. *Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja*. Viçosa – MG: Ultimato, 2000.
- HALL, David W. *The Millenium of Jesus Christ*. USA: ISBN, 1998.
- HENDRIKSEN, William. *A Vida Futura Segundo a Bíblia*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1988.
- HENDRIKSEN, William. *Mais que Vencedores*. São Paulo – SP: Cultura Cristã, 2001.
- HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o Futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- HODGE, A. A. *Confissão de Fé de Westminster Comentada*. São Paulo – SP: Puritanos, 1999.
- HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- HORTON, Stanley M. *Nosso Destino o Ensino Bíblico das Últimas Coisas*. Rio de Janeiro -RJ: CPAD, 1998.
- JENSEN, Irving L. *Apocalipse: Estudo Bíblico*. São Paulo – SP: Mundo Cristão, 1987.
- JUNGHANS, Helmar. *Temas da Teologia de Lutero*. São Leopoldo – RS: Sinodal, 2001.
- LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: Tempo, Vida e Mensagem*. São Leopoldo – RS: Sinodal, 1998.
- LLOYD-JONES, Martyn. *A Igreja e as Últimas Coisas*. São Paulo: PES, 1999.
- MARTIN, N. Dreher. *A crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma*. São Leopoldo – RS: Sinodal, 1996.
- MATHER, George A. *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo*. São Paulo – SP: Vida, 2000.
- MOLTMANN, Jürgen. *Vida, esperança e justiça*. Um testamento para a América Latina. São Bernardo do Campo, SP: Editeo, 2008.
- PENTECOST, J. Dwight. *Manual de Escatologia,, Uma Análise Detalhada dos Eventos Futuros*. São Paulo: Editora Vida, 1998.
- PEDRO, Severino da Silva. *Escatologia doutrina das últimas coisas*. Rio de Janeiro: CPAD, 1988.
- SALVADOR, Gonçalves José. *Clemente Romano*. São Paulo: IMSP, 1959.
- SCHALY, Harald. *Breve História da Escatologia Cristã*. Rio de Janeiro: JERP, 1992.

- SCHALY, Harald. *O Pré-milenismo Dispensacionalista à luz do Amilenismo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.
- SHEDD, Russell P. *A Escatologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1991.
- SHEDD, Russell P. *A Escatologia*. São Paulo – SP: Shedd Publicações, 1991.
- SIMÕES, Ulisses Horta. *A Subscrição Confessional*. Belo Horizonte – MG: Efrata Publicações, 2002.
- SPROUL, R.C. *Os Últimos Dias Segundo Jesus*. São Paulo – SP: Cultura Cristã, 2002.
- STOTT, John R. W. *A Mensagem de Atos*. São Paulo – SP: ABU, 1990.
- THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras em Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Batista Regular, 2000.
- TEIXEIRA, Alfredo Borges. *Maranata*. São Paulo: MBM, 1971.
- TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- TRAVIS, Stephen. *Creio na Segunda Vinda de Jesus*. Campinas – SP: Luz Para o Caminho, 1990.
- \_\_\_\_\_. VINE, W. E. *Dicionário Vine*. Rio de Janeiro – RJ: CPAD, 2002.
- VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica Avançada*. São Paulo – SP: Editora Vida, 1999.
- ZUCK, Roy B. *A Interpretação Bíblica*. São Paulo – SP: Vida Nova, 1997.